

HEMODIÁLISE

O setor de atendimento a doentes renais nos hospitais públicos do Distrito Federal foi condenado por órgãos de vigilância sanitária dos governos local e nacional. Em Taguatinga, a Anvisa determinou o fechamento imediato da unidade

Tratamento reprovado

Ullisses Campbell
Da equipe do Correio

As máquinas viraram sucatas. O ambiente é sujo, há sangue e esparadrapo usado espalhados pelo chão. O método utilizado é arcaico, os pacientes gemem de dor. O tratamento de hemodiálise oferecido pelos hospitais regionais de Taguatinga (HRT) e de Sobradinho (HRS) e pelo Hospital Universitário de Brasília (HUB) foi investigado, julgado e condenado pela Vigilância Sanitária do governo local.

No HRT, a unidade de hemodiálise funciona tão precariamente que a Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) do Ministério da Saúde fez uma inspeção especial, à pedido do Ministério Público do Distrito Federal e Territórios. A situação encontra-se tão crítica que o órgão federal determinou que o setor feche imediatamente. Só que, até ontem, ainda funcionava normalmente. Em Sobradinho, a situação é grave. O Ministério Público investiga 15 mortes de pacientes que faziam tratamento no local. Elas teriam ocorrido entre junho de 2001 e maio de 2002.

Ao atestar que os pacientes de hemodiálise correm risco de vida e que a Secretaria de Saúde, depois de alertada, não tomou providências em caráter emergencial, o Ministério Público resolveu notificar judicialmente o Governo do Distrito Federal (GDF). A notificação foi feita no dia sete de outubro pelo juiz Walter Muniz de Souza, da

1ª Vara da Fazenda Pública. Com isso, "qualquer tragédia que venha ocorrer por conta da precariedade do setor de hemodiálise será de total responsabilidade do GDF", resalta o mandado de notificação.

Os técnicos da Anvisa inspecionaram o setor de hemodiálise do HRT em duas visitas e ficaram chocados com o que viram. A área física não é adequada ao serviço. As máquinas são velhas e não atendem às normas da portaria 082/2000, do Ministério de Saúde. Quando uma peça dessas máquinas quebra, a substituição é feita por outra que é retirada de uma máquina em desuso, mais velha ainda. A ventilação no local é péssima e o ambiente fica calorento o dia inteiro. As dez cadeiras usadas pelos pacientes são antigas demais. "Uma delas tem apenas três pernas e o paciente que se senta nela tem de se equilibrar para não cair", ressalta o relatório.

Uma unidade de hemodiálise, segundo determina o Ministério da Saúde, deve funcionar em ambiente com normas de higiene e segurança quase tão rígidas quanto uma Unidade de Terapia Intensiva (UTI). "O tratamento é de alta complexidade, por isso as normas de funcionamento são rigorosas", atesta o diretor da Anvisa, Cláudio Maierovitch. No relatório técnico que assina sobre a inspeção na hemodiálise do HRT, Maierovitch, que é médico sanitarista, diz o seguinte: "a situação caracteriza risco iminente à saúde dos pacientes. (...) Sugerimos que ocorra a interdição cautelar do serviço de diálise do hospital".

Além da Anvisa e da Vigilância Sanitária local, o Conselho Regional de Medicina (CRM-DF) e a Associação dos Renais de Brasília (Arebra) visitaram o setor de hemodiálise do HRT. A Arebra constatou que as máquinas antigas oferecem risco aos pacientes porque não dispõem de dispositivos de segurança. Os dispositivos, presentes em máquinas modernas, tocam um alarme todas as vezes que ocorre furo na linha que conduz o sangue, quando entra água no sistema ou quando a temperatura da máquina aumenta. Ao soar o alarme, a máquina desliga-se automaticamente.

Outro perigo apontado pela Arebra nas máquinas antigas em operação é que elas não regulam a perda de líquido dos pacientes renais. "Isso faz com que eles saiam mais abatidos do que o normal das sessões", diz o presidente da entidade, Marinho Romário Valente. Já o CRM-DF sugeriu a troca imediata das máquinas antigas de hemodiálise do HRT por outras mais modernas e ainda notificou a direção do hospital para alertá-la dos riscos que os pacientes correm.

A chefe da hemodiálise do HRT, Ruth Bittar Solto, garantiu que o setor será desativado totalmente até o dia oito de novembro. Atualmente, 42 pacientes fazem o tratamento em 14 máquinas dentro de um programa fixo. Nefrologista, Ruth admite que o HRT atua desrespeitando as normas técnicas impostas pelo Ministério da Saúde. "A gente realmente está fora das especifica-

ções do MS, que determina normas rígidas. As máquinas são antigas e não há espaço físico adequado. A nossa hemodiálise funciona num ambulatório improvisado", atesta a médica. Ruth ressalta ainda que as conclusões citadas nos relatórios da Anvisa e da Vigilância Sanitária local conferem com a realidade. "Nós também sabemos que não há mais condições de continuar com a hemodiálise no hospital. Mas precisamos de tempo para transferir os pacientes renais para clínicas particulares", justifica.

OS PRINCIPAIS PROBLEMAS

A Agência Nacional de Vigilância Sanitária, junto com o órgão local, detectou várias deficiências nos setores de hemodiálise de três hospitais públicos do Distrito Federal. As principais delas são:

■ Máquinas antigas que não têm dispositivos de segurança, ou seja, não disparam alarme quando o equipamento apresenta defeitos

■ Espaço físico inadequado

■ Falta de higiene que propicia infecção hospitalar



NO HOSPITAL DE SOBRADINHO, HÁ TRÊS APARELHOS MUITO ANTIGOS PARA TRATAR SEIS PACIENTES. AS MÁQUINAS NÃO TÊM ALARMES PARA ACUSAR PROBLEMAS